

linha viva

Número 418 . 10 Julho 97 . Intersindical dos Eletricitários

De 14 a 18 de julho acontecem as Assembléias Regionais dos empregados Celesc para discutir a pré-pauta do Acordo Coletivo de Trabalho 97/98. Fique atento, que seu sindicato vai informar a data da assembleia na sua base. Participe!

UM AVIÃO?

Há cerca de um mês a frota de veículos da Celesc ganhou um reforço considerável. Desde o dia 16 de junho o presidente Paulo Tatim tem aos seus serviços um Xingu - II, modelo EMB-0121A1, turboélice, de prefixo PT-MCG. De saída, só para dispor do avião, a Celesc terá que desembolsar R\$ 30 mil mensais para a Codesc, a proprietária da aeronave.

A Celesc já foi dona de três aviões, sob os mais diferentes pretextos - nenhum deles razoável o suficiente para ser defendido pelo corpo funcional da empresa. Como defender a posse de um avião que servia para levar um diretor para casa nos finais de semana? Uma tragédia detonou o caso mais escandaloso de uso indevido de aviões da Celesc. Foi um acidente com várias vítimas, entre elas um jornalista conhecido: as únicas pessoas ligadas à Celesc mortas no episódio eram o piloto e copiloto do avião.

FACILIDADE

Nos meios empresariais a posse de um avião, apesar do grande significado que ele dá ao seu proprietário como símbolo de poder e sucesso, não é tida como uma opção razoável, inteligente e econômica. Além do grande investimento na compra do aparelho, existem gastos com manutenção, tripulação, taxas de inspeções,

aluguel de hangar, combustível, reparos periódicos, etc. É preciso ainda manter uma tripulação, o que significa despesas com salários e encargos de mais dois trabalhadores. Por isto, só possui um avião a empresa que faz negócios milionários em lances rápidos e muitas vezes imprevisíveis, ou que deve deslocar com urgência técnicos para áreas distantes. A Celesc não se encaixa em nenhum destes casos.

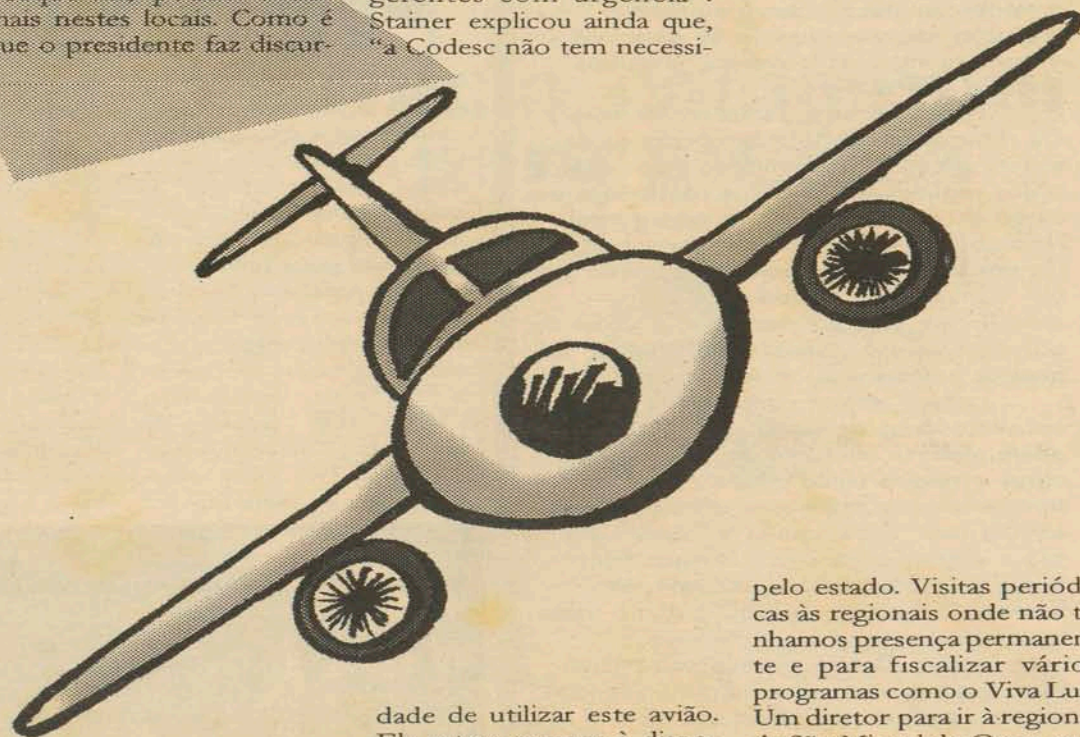
O momento atual porém é propício para que se faça conjecturas a respeito dos objetivos que levaram Tatim a querer ter um avião ao seu dispor. "Uma delas poderia ser o uso do avião para campanha política nas eleições do ano que vem. Todos sabem como um avião agilizaria a vida de um candidato, podendo assim percorrer o estado num dia, estar mais presente entre os eleitores. Depois tem a questão do status: o sujeito já chega por cima, vitorioso e, tem muita gente que é influenciada por isto, principalmente os cabos eleitorais", observa Olga Vieira, diretora do Sinergia.

CONTENÇÃO

A sindicalista não contesta a legalidade do convênio assinado entre a Codesc e a Celesc. Contesta a moralidade de tal ato. "Estamos, desde o final do ano passado, sob um regime de contenção de despesas,

imposto unilateralmente por Tatim. Este programa começou absurdos como cortar a periculosidade de pessoas que trabalham em área de risco e estão sem trabalhar porque não podem entrar mais nestes locais. Como é que o presidente faz discursar

Codesc, Heitor Francisco Stainer, disse ao Linha Viva que o convênio foi assinado por solicitação da Celesc, "em função da necessidade de locomoção de técnicos e gerentes com urgência". Stainer explicou ainda que, "a Codesc não tem necessi-



dade de utilizar este avião. Ele estava sempre à disposição do governador".

José Affonso da Silva Jardim, Diretor Administrativo da Celesc, declarou que o atual convênio acompanhou o valor do convênio anterior que a Codesc mantinha com o governo do estado e, disse que a diretoria decidiu assiná-lo "por causa das inúmeras viagens que os diretores fazem, à serviço,

pelo estado. Visitas periódicas às regionais onde não tínhamos presença permanente e para fiscalizar vários programas como o Viva Luz. Um diretor para ir à regional de São Miguel do Oeste gastava três dias entre ida e volta". É no mínimo curioso que numa administração que decanta sua competência até o exterior, a diretoria tenha que estar permanentemente nas agências regionais até para fiscalizar o programa Viva Luz. A empresa tem profissionais gabaritados em cada região para este trabalho. Mais esta!

Naufrágio do Titanic

Delman Ferreira
Diretor do Sinergia

Uns continuam trabalhando como se tudo navegasse em mar plácido - os maquinistas continuam tocando a casa de máquinas, os garçons servindo, a orquestra prossegue embalando casais... Outros percebem que alguma coisa está acontecendo e tentam tomar providências - chamam a atenção dos tripulantes e passageiros, pedem por socorro pelo telégrafo, providenciam os botes salvavidas e a ordem dos que serão salvos primeiro. Há, porém, os espertinhos de sempre. Estes só querem saber onde fica o cofre de jóias, os copos de cristal, onde estão os talheres de prata...

Pois assim caminha nossa velha Eletrosul.

Uns tocam o barco como se nada estivesse por acontecer. Trabalham como se tudo fosse continuar como está e estivessem contribuindo para o crescimento da empresa... Outros tomam providências para evitar o naufrágio. Procuram chamar atenção da população, avisam sobre erros e desvios, elaboram projetos alternativos...

Porém há os espertinhos de sempre. Os ratos de porão. Uns apropriam-se do acervo e do conhecimento do setor elétrico e das realidades brasileiras construídos ao longo de décadas, como só uma estatal teria capacidade e interesse em construir. De posse desse patrimônio inestimável vão ser "competitivos e produtivos" nas consultorias, sem ao menos ter o pudor de sair da empresa, conseguem "licenças" ou abatem horas-extras e se mandam.

Outros tentam conseguir aposentadorias de qualquer maneira. Tem gente pedindo SB-40 só porque "vai às obras e respira muita poeira". E há os que tentam levar os talheres e cristais. Alguns entram com ações contra a "viúva" pra sugar o que for possível. Isso sem falar nos que inventaram um sindicato, se fizeram "dirigentes sindicais" e agora estão tentando ser demitidos para levar a indenização. Outros quando conseguem fazer alguma coisa direitinho ou quando alguém, mesmo não sendo um deles, consegue um acordo para resolver algum problema para a empresa, exigem uma espécie de "bicho", assim como os jogadores de futebol, que querem prêmios quando fazem o que são pagos para fazer. Há, ainda, chefias que, ao invés de procurar fazer o melhor por seu setor, ficam aliciando empregados para irem trabalhar nas consultorias. E assim "navega" nosso Titanic! Até quando?

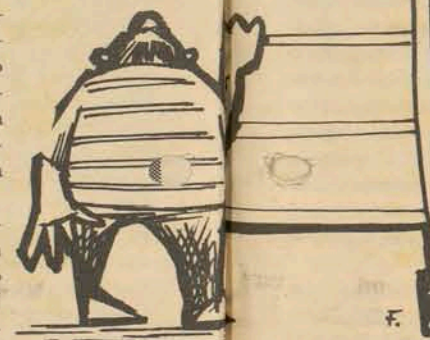
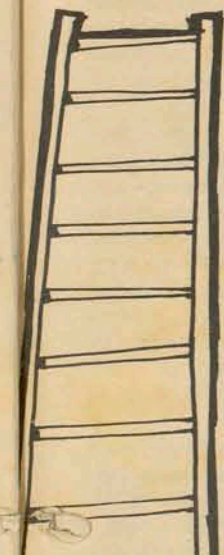
É possível barrar a privatização da Celesc e Eletrosul

Não poderia ter acontecido em momento mais propício: enquanto no mundo inteiro cresce o movimento contra o neoliberalismo, contra o cinismo na política, contra a falta de humanidade nas relações sociais e contra a destruição da força humana, eletricitários de Santa Catarina vão detonar uma campanha para barrar o processo de venda da Celesc e Eletrosul. Na primeira plenária aberta para tratar do assunto, ocorrida na manhã de sábado passado na Escola Sul da CUT, convocada pelo Sinergia para todos interessados, mais de 40 eletricitários participaram das discussões e concordaram com uma questão fundamental: a privatização não está dada, não é um fato consumado. Sendo assim, não deve ser encarada como um obstáculo intransponível.

Os fatos que sustentam esta conclusão são conhecidos de todos. Anunciada para

este ano, a venda da Eletrosul foi novamente adiada para o ano que vem. Na Celesc, o processo de impeachment pode frear o impeto privatizante do governo estadual. Em 1998 acontecem eleições gerais no país e, portanto a conjuntura poderá mudar. Além do desgaste internacional das medidas neoliberais, o projeto de privatização de FHC está caindo no descrédito. Quem ainda acredita nele? O presidente insistia nos seus discursos que tinha que privatizar para investir na saúde, educação e segurança. As privatizações estão acontecendo mas o país está cada vez pior nestes três itens e a população sente isto, pois é quem sofre as consequências. Sendo assim muitos aliados cooptados para defender estas idéias de FHC já estão com o pé atrás. Estão ficando sem argumentos e se desgastando junto à opinião pública. Todo mundo ficou sabendo do tamanho do rombo que a privatização

do Banerj causou aos cofres públicos, mas vale recordar foram R\$ 3 bilhões. Com o recente aumento no preço dos carros, decorrente do aumento do preço do aço, quem não lembrou da privatização da Vale do Rio Doce? A população também está atenta ao fato que, nos dois estados onde foram privatizadas as companhias de eletricidade (Rio de Janeiro e Espírito Santo) as tarifas aumentaram e a qualidade dos serviços caíram. "Não há mais o que esperar. Até mesmo os noticiários da grande imprensa já não conseguem mais esconder o que acontece com o nosso vizinho. A Argentina é vice-campeã mundial de desemprego, com 18 %. Lá os desempregados vão para a fila nas frias madrugadas de Buenos Aires em frente às oficinas do jornal *El Clarin*, que distribui de graça, no amanhecer, o caderno de classificados com empregos em oferta. E a pergunta que se coloca agora é: vamos es-



Racismo é crime. Menos para Ávila

Apesar de toda repercussão nacional e internacional, apesar da decisão de reintegração reafirmada em várias instâncias da Justiça, Cláudio Ávila, presidente da Eletrosul, continua manchando o nome da empresa, Ávila tenta insistentemente sustar as ordens judiciais que permitiram o retorno ao trabalho de Vicente, Francisco do Espírito Santo, demitido, conforme ficou provado, por racismo, em 1992. Depois de demitido, Vicente, com apoio do Sinergia, entrou com ação de reintegração e em 1995 obteve sentença favorável, com liminar expedida

dia 13 de março daquele ano. A diretoria da Eletrosul não aceitou a sentença e recorreu ao TRT e mais tarde ao STF. As duas instâncias mantiveram a liminar de reintegração.

Mas Cláudio Ávila não estava satisfeito. Entrou com recurso extraordinário no TRT. Sem sucesso, apelou para o TST. No dia 2 de junho o TST "denegou seguimento ao recurso extraordinário da Eletrosul", ou seja, confirmou mais uma vez a reintegração de Vicente. Para João Carlos Nogueira, sindicalista e diretor do Núcleo de Estudos Negros (NEN), a insistência

da Eletrosul evidencia a postura racista da direção da empresa, e não deixa tranquilo o movimento negro. "A empresa ainda tem a possibilidade de outro instrumento no TST e mesmo no Supremo Tribunal. A vitória de Vicente ultrapassa a questão de justiça pessoal e significa uma vitória importante contra o racismo".

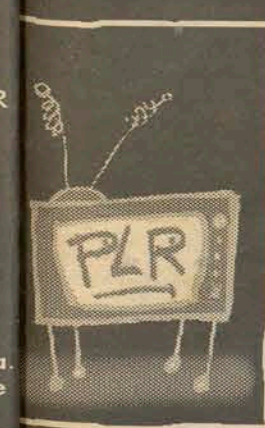
O caso de Vicente tem servido de paradigma internacional em disputas sobre racismo. O vídeo produzido pelo Sinergia e NEN foi solicitado até pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) para ser exibido mundo afora.

SAÚDE

"O ser humano, individualmente, deve assumir seu compromisso com a vida, e a vida requer saúde". Este é o tema do livro que o funcionário aposentado da Eletrosul, Jairo Ferreira Machado lança nesta sexta-feira, dia 11, às 20 horas, na Sede Social da Associação Catarinense de Medicina, na capital. **Educação para a Saúde** procura esclarecer sobre os riscos próprios e os do meio onde vivemos, como causa de enfermidades e o que fazer para evitá-las.

PLR

Os trabalhadores da Eletrosul estão com aquela sensação de já ter visto o filme da PLR no final do ano passado. Naquela época o título era "ABONO". No enredo os bandidos deixam tudo para a última hora, empurrando as vítimas para o abismo. Estas, encurraladas, aceitam qualquer coisa. Por isto a Intersul pede que a categoria esteja



perar, que arruinem mais o nosso país para reagirmos?", indaga Maria Margarida Barbosa Sampaio, diretora do Sinergia.

No mundo a oposição contra o neoliberalismo ganha cada vez um espaço maior. Além da desilusão das privatizações, o povo começa a criticar os valores decorrentes desta política: da atomização do ser humano, o culto ao individualismo (quem trabalha consegue, vencer só depende de você, você vale o que produz...). Está saturado de palavras como competência, eficiência, eficácia, que fazem parte do novo "administrar" das empresas e desconsideram a angústia, a insegurança, o medo de ser o próximo a engrossar a fila dos desempregados.

Por isto os eleitores foram às urnas na França, Grã-Bretanha mostrando seu repúdio às políticas neoliberais, mas não pararam por aí. Agora vão às ruas exigir o cumprimento das promessas de campanha. Na América Latina as reações maiores acontecem sobretudo no Chile e Argentina, Colômbia, Venezuela e Peru. "Tudo isto nos mostra que a luta não é fácil. O opositor tem muitos recursos ao seu dispor: dinheiro, mídia, poder e tentará de qualquer forma continuar implantando sua 'cartilha', até para se perpetuar no poder. Estes exemplos também nos apontam caminhos. Se antes tínhamos rochedo monolítico na nossa frente, hoje temos fendas nesta rocha, mostrando caminhos a serem percorridos. Não é fácil, mas é possível. E será realmente possível se trabalharmos de forma cooperativa, solidária, integrada, com todas ações interligadas, cada uma potencializando a seguinte", explica Margarida.

Esta campanha é agora a prioridade número um do Sinergia. A Intercel já se juntou ao grupo e as discussões junto à Intersul começam a ser feitas. Uma vez por mês acontecerão seminários sobre o assunto (sempre aos sábados de manhã, na Escola Sul) para todos interessados avaliarem a campanha e construirmos juntos os passos seguintes. E, a partir de agora todas reuniões de segunda-feira à noite no Sinergia terão como primeiro ponto de pauta o assunto. Estas reuniões são abertas a todos.

alerta e que se discuta com seriedade a proposta da empresa. A Intersul espera ainda que na reunião para tratar do PLR nesta quinta-feira, além do plano de metas, a Eletrosul faça sua proposta de montante a ser pago, de valor e data do adiantamento semestral, que será discutido com os trabalhadores.

Editorial

A falsa imagem que o governo Paulo Afonso vem tentando vender, de que saiu vitorioso do processo de impeachment, deve ser desmascarada. É vitorioso um governo que teve suas ações fraudulentas comprovadas CPIs?

Há uma teoria que diz: uma mentira, sendo afirmada com convicção muitas vezes passa a ser verdade. A história da humanidade está repleta de exemplos dessa afirmação. Provavelmente é disto que se vale o governo Paulo Afonso para declarar-se vitorioso. Mas os fatos demonstram o contrário. Há a comprovação de que este governo lesionou o Estado em R\$ 120 milhões na falcatrua da venda dos títulos. Dos quatro pedidos de impeachment, três foram aprovados: o de Paulo Afonso, de Paulo Prisco Paraíso e de João Carlos Von Hohendorff. O de José Augusto Hülse está dependendo de uma decisão do supremo tribunal Federal. O Tribunal de Contas do Estado rejeitou as contas do governo em função das irregularidades na venda dos títulos. O governo Paulo Afonso é vitorioso?

Durante a realização da CPI a propaganda pró Paulo Afonso dizia: "É golpe". Realmente foi golpe: o golpe das letras.

A Intercel, que acompanhou de perto todo o processo, vê na mobilização da sociedade catarinense a arma mais importante para que se evite o segundo golpe: da prevalência do instituto da impunidade sobre os fatos estardalhaçados comprovados pela CPI das Letras. E os eletricitários, com sua história de luta e resistência tem papel fundamental nesta tarefa.

SAMBA

Neste sábado, a partir das 23 horas, haverá uma grande festa para a reabertura da Quadra do Caieira em Florianópolis, promovida pelo Grêmio Esportivo e Escola de Samba Consulado, Irmandade Nossa Senhora do Rosário e outras entidades. A animação ficará por conta dos grupos de pagode Senti Firmeza e Gente pra Gente, além de apresentadores de rádios FM e sorteio de brindes. Ingressos antecipados na Elase a R\$ 8,00 e R\$ 10,00 na hora.

Quanto vale a vida?

"A política de segurança da Celesc é muito ruim. As estatísticas comprovam que nos últimos anos o número de acidentes no trabalho aumentou ao mesmo tempo em que diminuiu o número de empregados. Além disso a empresa desconsidera os acidentes de trabalhadores de empreiteiras contratados por ela". O desabafo do chefe do SEGU (Serviço de Segurança da Agência Regional de Itajaí), Heitor Alcides Godry mostra o verdadeiro caos e o índice de tensão que os funcionários da Celesc vivem nos últimos meses. Por conta da deliberação 128/97, que diminui em 2/3 o número de trabalhadores em área de risco, profissionais essenciais estão proibidos de exercerem sua função: os técnicos e engenheiros em segurança do trabalho.

Indignado pelo descompromisso da empresa e, principalmente, pelo descumprimento da lei,

Godry colocou seu cargo à disposição na última segunda-feira, dia 30 de junho, e assim justifica: "... impedem o desempenho do cargo de chefia do SEGU, na medida que impossibilita-se definir as realizações de inspeções, fiscalizações e correções de atos e condições inseguras nas áreas afins". Situação semelhante vive o pessoal de segurança da agência Florianópolis, que já foi denunciada pelo Sinergia no LV e na Delegacia do Trabalho. Até hoje a diretoria da Celesc não tomou providências para resolver o problema. Enquanto economiza com a segurança das pessoas que fazem da Celesc a nona melhor empresa estatal do país e a quarta do setor elétrico, de acordo com pesquisa da Revista Exame, a sua diretoria não poupa com o que só vai favorecer a poucos privilegiados e mesmo assim por motivos de antemão, políticos: o aluguel de um avião por R\$ 30mil por mês! (veja matéria da capa)

Inicia campanha para a Celos

Dia 4 de agosto os trabalhadores da Celesc irão escolher dois novos curadores para a Fundação Celos. O Linha Viva, como sempre nestas ocasiões, está abrindo espaço para todos candidatos ao Conselho de Curadores que



Com base nestes preceitos, Sá Brito direcionou sua atuação nos movimentos dos empregados, principalmente junto à APC. E por causa disto foi escolhido pela Intercel como candidato para a vaga no Conselho de Curadores da Celos.

As adversidades queiram expor sua plataforma. O primeiro a apresentar sua plataforma foi Paulo Sá Brito, candidato apoiado pela Intercel e APC.

"Paulo Sá Brito é conhecido dentro da Celesc pelo seu comportamento profissional e por uma postura que sempre buscou garantir, em última instância, a defesa da sociedade e da Empresa. Sua conduta pessoal tem por base a defesa da moralidade e da ética e, sobretudo, o respeito ao cidadão e aos princípios de convivência democrática.

A Celos é um de nossos maiores patrimônios e é preciso garantir que seu objetivo principal não seja desviado. Queremos um Conselho de Curadores atuante, responsável e capacitado, que defenda a transparência na gestão da Celos, a fiscalização sistemática da aplicação de recursos e o controle rigoroso de despesas administrativas".

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC. Jornalistas Responsáveis: Marli Cristina Scamozzin (DRT/R54966) e Alessandra Mathyas (SC 00755 JP). Ilustrações: Frank Maia, Diretoria de Imprensa. Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fax (048-224-9104)

A Conspiração Demoníaca

Julio Pavesi
Diretor Sinergia

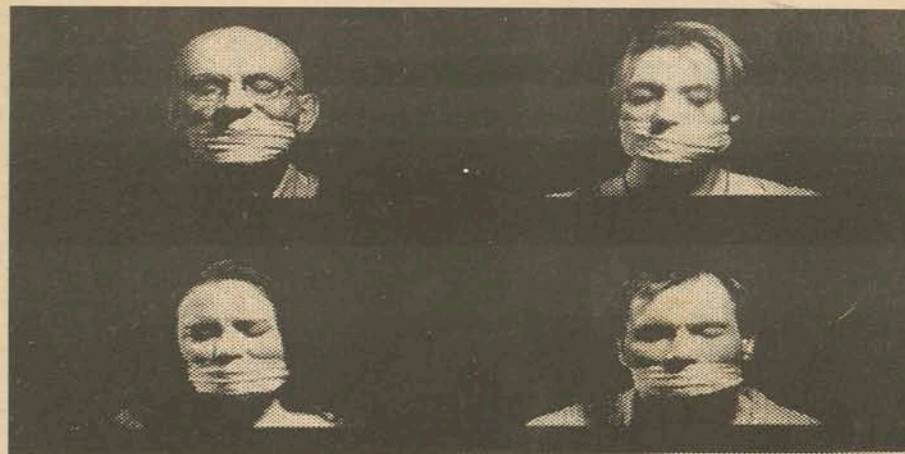
Todo momento histórico de grandes comoções tem os seus bodes expiatórios: aqueles que levam a culpa e são responsabilizados por tudo o que de ruim acontece. A tese mais comum usada em todos estes períodos é a da conspiração. Imputa-se à atuação e características de determinados grupos sociais a responsabilidade das coisas más que atingem a todos.

Para o poder, esta é a explicação mais plausível para as grandes tragédias sociais. Diz-se que alguém está conspirando e que portanto, a sociedade tem que reagir.

Criou-se até uma teoria "científica": a da conspiração, que repousa na idéia de que tudo o que as pessoas não apreciam - guerra, desemprego, miséria, etc. - é resultado dos desígnios de certos indivíduos ou de grupos poderosos.

Quais foram os grandes bodes expiatórios da história?

Em primeiro lugar, os judeus a quem foram imputadas algumas grandes tragédias ocorridas com a humanidade nestes últimos dois mil anos. Considerados agentes de satã, foram-lhes perpetradas sucessivas persegui-



gundo alguns historiadores, sob os auspícios das Igrejas Católica e Protestante.

Leprosos também entraram na lista dos demoníacos. Acusados, desde o primeiro século da nossa era, de mancomunação com os judeus, foram perseguidos e exterminados em vários países. No século 14, em todo reino da França, os leprosos foram aprisionados e condenados pelo Papa sob a acusação de terem preparado veneno - um composto de sangue humano, três ervas indefinidas, hóstia consagrada - a ser jogado nas águas dos rios, poços e fontes com o fim de transmitir a lepra aos sãos, fazê-los adoecer e morrer. A trama dos leprosos era de tomar o poder e os cargos de condes, barões e até reis. Interessante é que aqueles a quem era dado o poder de condenar os leprosos, também tinham o poder de se apropriar dos bens e riquezas dos condenados. Um bom negócio, visto haver entre estes muitos ricos.

No rol dos malditos podemos incluir os negros, muçulmanos, índios, nordestinos, comunistas e muitos outros. Estes últimos sempre foram acusados de conspiradores, cruéis comedores de crianças, inimigos da liberdade, etc. Quantos golpes de Estado e ditaduras foram perpetradas no mundo sob a justificativa de estar se contendo uma revolução comunista? Em 1937, Getúlio Vargas deu um golpe de Estado e implantou o Estado Novo e a sua famigerada ditadura, alegando que os comunistas queriam tomar o poder. Em 1964 quem foi o bode expiatório para o golpe militar que derubou o governo legítimo de João Goulart? Os comunistas. Milhares destes foram mortos, torturados, presos e banidos.

Os tempos de hoje também têm seus bodes expiatórios. Os do capitalismo neoliberal. Sem querer atribuir a si mesmos e ao sistema perverso que defendem, a elite do capital e seus subordinados - políticos, teóricos, governos, ideólogos, alguns líderes sindicais - culpam uma nova vítima pela grave crise que castiga o mundo atual. Os eleitos são os funcionários públicos, empregados das estatais, trabalhadores desqualificados, aposentados, sindicatos

combativos, a esquerda e todos aqueles que se opõem "à nova ordem mundial". Uma escória que tem que ser removida para que o mundo se torne melhor. E, como os tempos atuais não permitem mais fogueiras em praças públicas, é preciso queimá-los com o desemprego, o subemprego, os baixos salários, a subtração dos direitos trabalhistas, o fim da aposentadoria e dos fundos de pensão, da assistência à saúde e à educação.

Essa política, que para eles é a única eficiente, precisa, entretanto, do respaldo de amplos setores da sociedade, da legitimidade popular, como ocorreu, alias, em todas as ditaduras. O povo tem que estar "consciente" de que as propostas oficiais estão corretas e de que não existem outras alternativas. Na Alemanha nazista foi assim, o holocausto só foi possível graças, no mínimo, à complacência da população não-judaica que pouco fez contra os horrores que o nazismo vinha perpetrando contra o povo judeu.

Aproveitando esta experiência histórica talvez, o governo brasileiro e sua elite procuram repetir o mesmo. Têm se empenhado, e conseguido com relativo sucesso, convencer o povo de que os funcionários públicos, empregados das estatais e as outras categorias citadas, são os grandes responsáveis pelo estado de degradação econômica, social, cultural e moral em que se encontra a sociedade brasileira. Não é isso que vemos e ouvimos da nossa mídia, exigindo o enxugamento da máquina administrativa com a demissão de milhões de empregados?

O pior de tudo é que essa mensagem, de tão forte, constante e calculista que é, já conseguiu se incutir inclusive nas nossas cabeças, transformando-se num grande e sofrido sentimento de culpa - o que é extremamente

mente perigoso, não só do ponto de vista político, como moral e existencial. Se não reagirmos criticamente, isso nos derrotará da pior forma possível: sem luta e humilhados, deixando tatuados em nossas consciências sentimentos tão perversos que, indelevelmente perdurarão pelo resto de nossas vidas.

Se povos inteiros, como os nossos precursores americanos - incas, astecas e maias - até hoje estão abatidos cultural, moral e psicologicamente pela violência e humilhação praticadas pelos conquistadores europeus, imagine um só indivíduo!

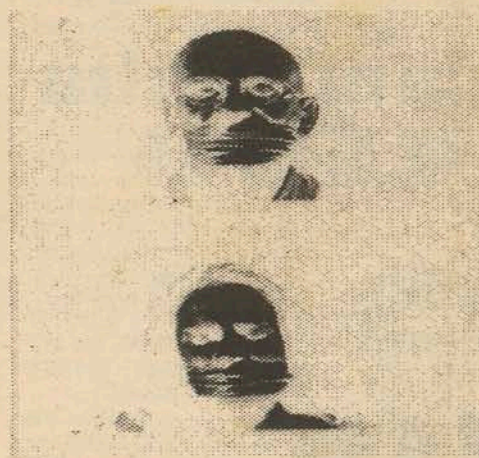
Não, as coisas não podem e não devem ser assim. A grande maioria de nós tem muito do que se orgulhar (e a Nação também): de ter sido e ser empregado público, de trabalhar numa estatal. (Há exceções, é claro; muitas, mas a minoria).

Fomos os construtores das maiores e mais importantes empresas da nossa economia, aquelas que alavancaram o desenvolvimento nacional deste século. Foi com o nosso trabalho que criamos a Petrobrás, a Vale, as grandes usinas de energia elétrica, a CSN, o parque petroquímico, as estradas, a construção naval, as pesquisas tecnológicas de ponta e quase tudo aquilo que foi indispensável para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, incluindo o próprio capital privado, nacional e internacional.

Quando a iniciativa privada não quis assumir o risco dos grandes investimentos que forjaram a nossa infra-estrutura industrial, como foi o caso do setor elétrico, foi o Estado brasileiro, o dinheiro público e o trabalho dos empregados públicos que assumiram a maior parte dessa tarefa. Agora, quando os interesses privados querem abocanhar este prato feito, a empresa pública passa a ser o lixo da economia e o seu empregado o grande vilão.

Precisamos dar um não a tudo isso. Recuperar a nossa dignidade tão ofendida, o nosso papel de trabalhadores honestos e úteis à sociedade. Temos que nos unir, como num passado tão próximo e voltarmos à luta pelos nossos direitos, pelo desenvolvimento e o bem-estar do nosso povo. Defendamos o bem público.

Todo homem consciente que intervém pela ação, sempre intervém para modificar a conjuntura que existe e moldá-la às suas necessidades. Se ficarmos calados e parados perderemos essa parada e, pior, seremos sepultados pelos vencedores - as elites - como indigentes. Esquecidos pela história. Se não fizermos nada, o mundo ficará exclusivamente nas mãos dos canalhas.



ções, massacres e expulsões desde o fim do Império Romano, passando pela Idade Média até os tempos atuais. Quem não se lembra do etnocídio monstruoso praticado contra este povo pelo nazifacismo? Os seus algozes chegaram a convencer grande parte da sociedade alemã, européia e mundial que os judeus eram os responsáveis pela grande depressão das décadas de 20 e 30. Desta mentira absurda resultou o extermínio de mais de seis milhões de indivíduos deste brilhante povo.

As bruxas também levaram culpa e, por causa dessa crença, milhares de mulheres foram parar nas fogueiras, assadas em praças públicas da Europa. A perversidade feminina, diziam os poderosos, campeava solta a serviço dos mandos do demônio e precisava ser contida, senão a ordem universal e pública seria destruída e entregue a Satanás. Decorrente disso, estima-se que entre 1450 a 1750 mais de 100 mil mulheres foram condenadas à morte na fogueira - sempre, se-

